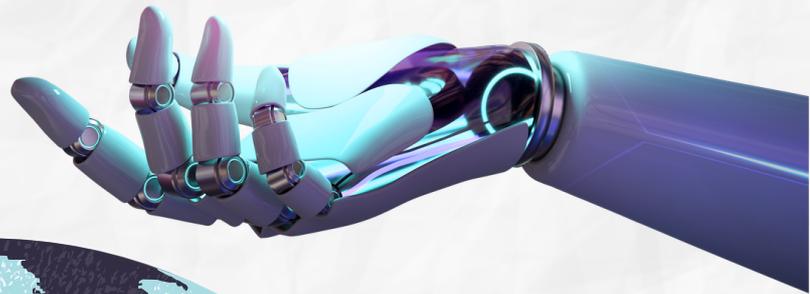


CRISTINA MAIELLO  
FABIANA DE OLIVEIRA BENEDITO  
PAULO EDUARDO PALMA BERALDO



# ANTIGLOSSÁRIO

DA INTELIGÊNCIA  
"ARTIFICIAL" E DO TRABALHO  
POR PLATAFORMAS





**JULHO DE 2023**

# **ANTIGLOSSÁRIO**

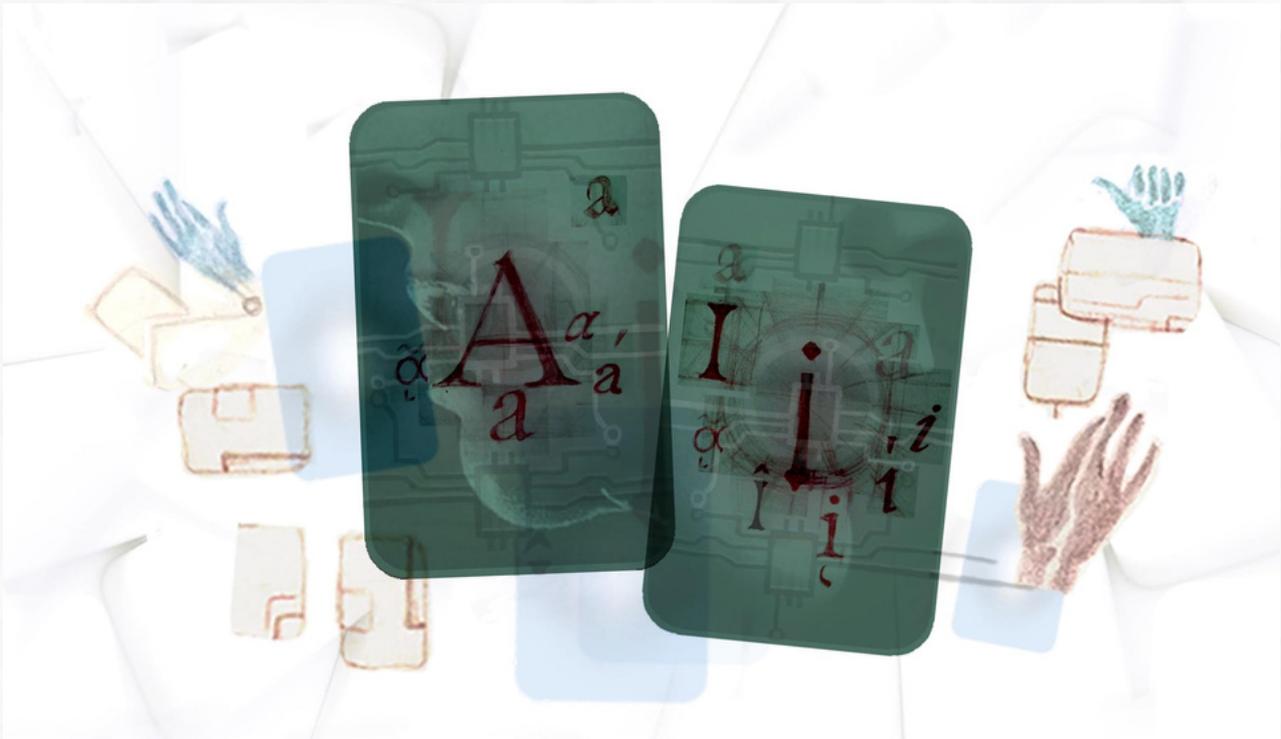
**DA INTELIGÊNCIA  
"ARTIFICIAL" E DO TRABALHO  
POR PLATAFORMAS**

CRISTINA MAIELLO  
FABIANA DE OLIVEIRA BENEDITO  
PAULO EDUARDO PALMA BERALDO

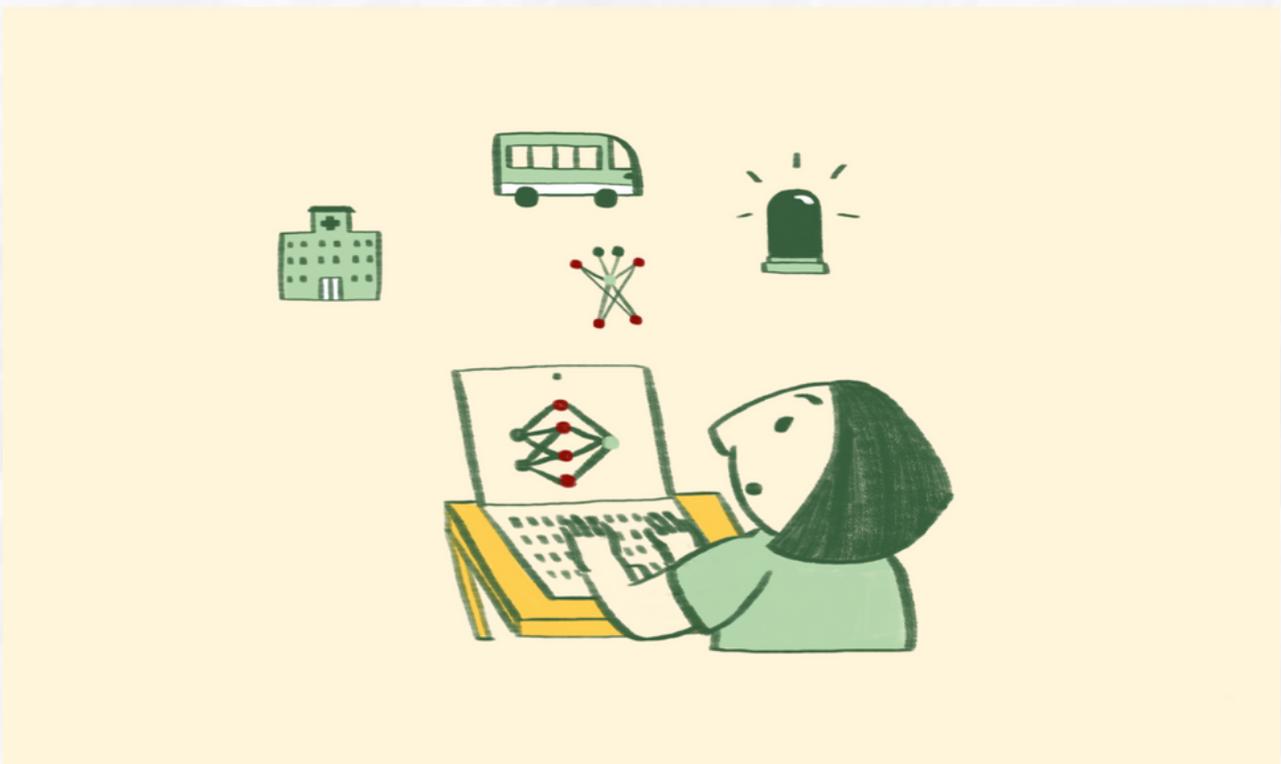


# SUMÁRIO

- **Apresentação** ..... Página 07
- **Algoritmo** ..... Página 09
- **Autônomo/a** .....Página 11
- **Economia do compartilhamento** ..... Página 13
- **Empreendedorismo** ..... Página 15
- **Gerenciamento algorítmico** ..... Página 17
- **Gig economy** ..... Página 19
- **Inteligência artificial** ..... Página 21
- **Nuvem** ..... Página 23
- **Plataforma** ..... Página 25
- **Trabalho digital** ..... Página 27
- **Considerações finais** .....Página 29



HANDMADE A.I. CRÉDITO: ALINA CONSTANTIN/ BETTER IMAGES OF AI



AI ACROSS INDUSTRIES. CRÉDITO: YASMIN DWIPUTRI & DATA HAZARDS PROJECT / BETTER IMAGES OF AI

# APRESENTAÇÃO

A provocação para fazer um "antiglossário" surgiu a partir das leituras, análises e reflexões realizadas durante a disciplina Comunicação e Trabalho por Plataformas, ministrada pelo Prof. Dr. Rafael Grohmann, da Universidade de Toronto (Canadá), na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Nas muitas conversações que fizeram parte dessas aulas, verificamos o uso de termos equivocados para denominar fenômenos ligados ao trabalho por plataformas e à inteligência artificial, por exemplo. São termos que mascaram uma realidade física e tangível por trás dessas tecnologias e, por isso, nos propusemos a produzir esse material para elucidar os interesses que existem em torno da utilização dessas expressões.

Com base em autores e autoras cujas citações estão contidas nos verbetes, produzimos um "antiglossário" do trabalho por plataformas e da inteligência artificial, buscando conferir visibilidade aos seus custos ambientais, sociais, econômicos e humanos.

Os verbetes inicialmente elaborados nesta compilação foram redigidos com base em expressões presentes no imaginário coletivo e poderão ser ampliados por pesquisadores e pesquisadoras.

A opção por um texto mais informal tem o objetivo de extrapolar as fronteiras do universo acadêmico e conectar-se a um público mais amplo, estendendo essa compreensão a mais pessoas interessadas no tema.

Há necessidade de sermos vigilantes com as narrativas propagadas com a visão das empresas de tecnologia do Vale do Silício, frequentemente distantes do interesse dos trabalhadores e das trabalhadoras.

**Cristina Maiello**  
**Fabiana de Oliveira Benedito**  
**Paulo Eduardo Palma Beraldo**

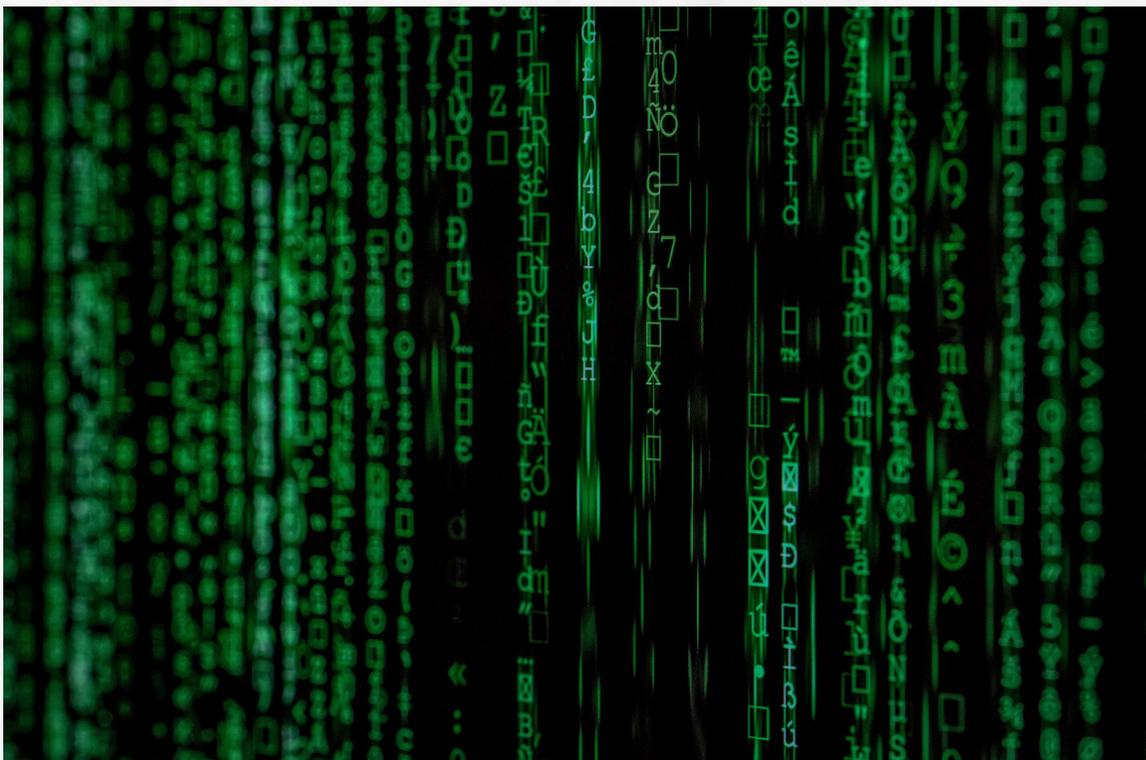


# ALGORITMO

Muito tem se falado sobre os algoritmos, mas em geral com uma explicação superficial do termo. Existem motivações econômicas, sociais e políticas para isso, mas vamos começar do começo.

Executados pelo computador a partir de uma sequência de instruções em linguagem de programação, como uma receita em etapas, os algoritmos visam alcançar um resultado, em geral a partir da lógica de áreas como a de vendas e do marketing das empresas por plataforma.

Os algoritmos não são neutros e os critérios que os governam são pouco conhecidos. Esses modelos matemáticos encomendados carecem de regulamentação, transparência e parâmetros auditáveis, já que eles têm feito uma mediação entre as plataformas digitais e a sociedade em vários aspectos cotidianos.



CRÉDITO: MARKUS SPISKE/ UNSPLASH

**Apesar de tudo isso, os algoritmos não têm resultados hegemônicos, não retiram totalmente o poder de agir dos trabalhadores e das trabalhadoras que atuam nas plataformas.**

As fissuras no poder algorítmico são situações em que eles passam a não governar como foi idealizado.

Utilizando-se da manipulação, subversão e ruptura, os trabalhadores e as trabalhadoras realizam ações de resistência aproveitando-se das brechas desse poder.

As fissuras criam novos regramentos de conduta e atuação nas plataformas, diminuindo as assimetrias de poder entre a gestão e os trabalhadores e as trabalhadoras, configurando-se como uma reapropriação dos códigos.

Quer um exemplo disso? Há o uso de contas falsas e de aplicativos alterados para evitar que veículos de entregadores e entregadoras sejam localizados ou ainda para cancelarem solicitações de viagens sem penalidades.

**FONTE:** Fissuras no poder algorítmico: plataformas, código e contestação. Por Fabian Ferrari e Mark Graham. Leia [AQUI](#).

**PARA SABER MAIS:** Democracia e os códigos invisíveis. Como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. Por Sergio Amadeu da Silveira. Leia [AQUI](#).

# AUTÔNOMO/A

Autônomo/a, colaborador/a, parceiro/a, contratado/a independente... Todos esses são nomes que as plataformas digitais de trabalho dão para profissionais que utilizam suas aplicações à procura de renda. Quanto a elas próprias, se definem como empresas de tecnologia que facilitam a relação entre quem trabalha e quem deseja contratar serviços.

Nomear trabalhadores e trabalhadoras e a natureza da plataforma assim faz parte de uma estratégia de desresponsabilização.

Tomemos como exemplo um motorista de aplicativo: ele é responsável pelo automóvel, pela gasolina, pelo acesso à internet, pela manutenção do carro, por eventuais acidentes, pela alimentação... ou seja, por todos os custos relativos à execução das suas atividades de trabalho. E a empresa ganha uma porcentagem significativa de cada uma de suas corridas. Por outro lado, esse mesmo motorista não tem o poder de decidir, por exemplo, quanto vai cobrar pelo próprio serviço.

Sendo assim, será que ele é mesmo um autônomo?

A partir do momento que a empresa-plataforma afirma que apenas facilita a relação entre o motorista e o passageiro ou passageira, o que ela está dizendo é que não tem responsabilidade nem com quem contrata o serviço, nem com quem oferece.

É por causa disso que, de modo geral, essas empresas são avessas à regulação do trabalho por plataformas. Porque regular significa atribuir responsabilidades a todas as partes envolvidas na atividade. Quando se sentem pressionadas, muitas delas ameaçam sair do país que está propondo tal regulamentação. É como se dissessem que esse é o único modo possível de funcionar, mas não é verdade.

Em 2021, por exemplo, a Uber perdeu uma batalha judicial de cinco anos, no Reino Unido, e teve que reconhecer que quem trabalha na plataforma não é apenas colaborador ou colaboradora da empresa, e que existe vínculo empregatício nessa relação.

Independentemente da forma jurídica que a relação entre as partes assuma, trabalhadores e trabalhadoras têm direito ao trabalho digno e, até o momento, essa condição não é oferecida pelas plataformas digitais no Brasil, como mostra o relatório “Fairwork Brasil 2021: Por trabalho decente na economia de plataformas”, publicado em 2022, que merece ser conhecido por todo mundo. Fica a dica!



CRÉDITO: TONI D'AGOSTINHO

**FONTE:** Fairwork Brasil 2021: Por Trabalho Decente na Economia de Plataformas. Projeto Fairwork. Leia [AQUI](#).  
**PARA SABER MAIS:** Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. Por Vitor Filgueiras e Ricardo Antunes. Leia [AQUI](#).

# ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO

Falar em trocas mútuas e colaboração nos remete a valores positivos, não é mesmo? Essas palavras circulam com frequência em discursos sobre a chamada “economia do compartilhamento” (sharing economy).

É um conceito que – teoricamente – nos ajudaria a entender práticas como as de quem oferece e de quem aluga apartamentos em plataformas como o Airbnb, a existência de serviços como o UberPool (que permitia compartilhar viagens com outras pessoas que estavam indo para a mesma direção), entre outras. A expressão às vezes também é usada para falar da Uber, descrita como uma plataforma de “caronas pagas”.

As pessoas que defendem o uso desse conceito, em geral, entendem que a economia do compartilhamento se baseia em valores opostos ao da competição e individualismo característicos do sistema capitalista.

É por isso que esse pode ser encarado como um conceito enganoso. Utilizando essa ideia para mascarar os reais objetivos de seus modelos de negócios, empresas como a Uber estão “minando as redes de segurança social fornecidas pelos padrões de emprego, e o Airbnb está corroendo as comunidades em centros turísticos”, avalia o pesquisador Tom Slee.

A realidade não bate com o conceito, diz ele. Em uma entrevista concedida ao portal IHU Unisinos, Slee afirma:

“Nos primeiros dias, grande parte da linguagem usada em torno da economia do compartilhamento parecia progressista: trocas e comunidades ponto a ponto como uma alternativa às corporações, um futuro mais sustentável com o uso dos nossos carros e posses de forma mais efetiva, e uma nova era de oportunidades econômicas para as pessoas”.

Contudo, a realidade vivida hoje por milhares de trabalhadores e trabalhadoras que atuam para diferentes plataformas digitais mostra que essas promessas não foram cumpridas. Os valores positivos associados aos discursos favoráveis à ideia da existência de economia do compartilhamento podem ser utilizados como tentativa de esconder a realidade concreta do mundo do trabalho hoje, marcada pela precarização de um conjunto muito diverso de atividades. É uma economia que compartilha desigualdades e concentra, ainda mais, as riquezas.



CRÉDITO: VERMELHO.ORG

**FONTE:** A economia do compartilhamento não ‘bate’ com a realidade altamente comercial. Entrevista especial com Tom Slee. Leia [AQUI](#).

**PARA SABER MAIS:** É possível resistir à “uberização”? Crítico da chamada economia do compartilhamento, autor britânico-canadense destrincha em livro o lado ruim de empresas como Uber e Airbnb. Por CartaCapital.

Leia [AQUI](#).

# EMPREENDEDORISMO

No neoliberalismo, a ideia de empreendedorismo foi desvinculada da noção de propriedade (ser proprietário ou proprietária de um negócio) e passou a se conectar com uma noção de empreendedorismo de si mesmo.

Surge uma contradição: um trabalhador ou uma trabalhadora atua para uma empresa, que obtém lucros com as atividades, mas essa pessoa ainda assim pode ser chamada de empreendedora.

Será que é mesmo?

As narrativas sobre o empreendedorismo criam contornos favoráveis às atuais formas de trabalhar, como nas atividades plataformizadas, e à manutenção de relações desiguais.

Uma vez que quem trabalha é supostamente empreendedor e empreendedora, são essas pessoas as responsáveis por todos os custos de execução de suas tarefas e por lidar com os riscos que correm ao fazê-las.

O trabalhador e a trabalhadora autônomos, sem proteção, sem vínculos ou direitos trabalhistas, são lançados nessa lógica para baratear o custo da mão de obra.

**Não somente as plataformas digitais de trabalho se utilizam dessa estratégia de falar em empreendedorismo para driblar normas jurídicas, mas elas o fazem com maestria.**

O que vemos hoje no trabalho em plataformas é o indivíduo como "empreendedor de si mesmo", uma espécie de empregador e assalariado de si próprio simultaneamente. Sem jornada definida, sem regras claras e gerindo sua própria sobrevivência.



CRÉDITO: TONI D'AGOSTINHO

**FONTE:** A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Por Pierre Dardot e Christian Laval. Livro publicado pela editora Boitempo em 2016.  
**PARA SABER MAIS:** EMPREENDEDORISMO: uma forma de americanismo contemporâneo? Por Henrique Amorim. Leia [AQUI](#).

# GERENCIAMENTO ALGORÍTMICO

Se você já teve a experiência de ler os Termos e Condições de Uso de alguma plataforma de trabalho, como a Uber, a Ifood, a Parafuzo, entre outras, você talvez se recorde que, de acordo com esses documentos, uma série de informações importantes sobre as atividades de quem trabalha com esses aplicativos é decidida por um algoritmo. Elas falam em “gerenciamento algorítmico”.

O termo gerenciamento algorítmico designa funções que organizam o trabalho das pessoas que atuam nas plataformas digitais. São funções que anteriormente seriam exercidas por uma gerência humana, como supervisão e controle.

É verdade que ele é possibilitado pela utilização das tecnologias, mas o uso dessas tecnologias responde aos interesses de quem as emprega. Isso quer dizer que a tecnologia não é autônoma ou neutra. Ela é utilizada com objetivos específicos que condizem com os interesses de alguém.

Uma pesquisadora da Noruega chamada Taina Bucher criou o conceito de “**imaginário algorítmico**”, que cabe bem nessa conversa. Nesse caso, ela estava se referindo a como as pessoas veem os algoritmos do Facebook, mas podemos utilizar a ideia para discutir o trabalho por plataformas.

**As empresas-plataformas adotam um “imaginário algorítmico” de neutralidade para fazer com que as pessoas ajam de acordo com os interesses da organização.** Se o valor estipulado para uma entrega de comida é baixo, foi o “algoritmo” quem definiu, como se a empresa não tivesse nada a ver com isso; se um motorista é deslocado para um lugar distante de onde estava, foi decisão do “algoritmo”.

Com essa estratégia discursiva, de transferir responsabilidade para a "tecnologia", as empresas buscam neutralizar insatisfações de trabalhadores e trabalhadoras. Como é que alguém vai questionar e enfrentar uma tecnologia, não é mesmo? Se ela é supostamente incontrolável, inumana e neutra.

**Em contraposição à ideia de gerenciamento algorítmico, a pesquisadora brasileira Ludmila Abílio tem proposto outra noção: a de autogerenciamento subordinado.**

Quem trabalha para as plataformas digitais pode até gerenciar determinados aspectos das suas atividades, como o horário no qual deseja atuar. Contudo, a subordinação existe e muitas vezes é mascarada pelo discurso de que a tecnologia é constituída por poderes autônomos.



CLICKWORKER ABYSS. CRÉDITO: MAX GRUBER/  
BETTER IMAGES OF AI

**FONTES:** The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. Por Taina Bucher (em inglês). Leia [AQUI](#).  
Manicures, motoboys e a gestão da sobrevivência. Por Ludmila Abílio. Leia [AQUI](#).  
**PARA SABER MAIS:** O gerenciamento algorítmico nas plataformas digitais. Por Renan Kalil. Leia [AQUI](#).

# GIG ECONOMY

Ao jogar o termo gig economy em um site de busca, as chamadas dizem que essa é uma tendência em expansão no mundo e notícias que sugerem o fenômeno como uma novidade. No Brasil, o termo tem sido traduzido como “economia de bicos”.

Mas, falando a partir da nossa realidade, será que viver de bicos é mesmo uma novidade no nosso país? Transitar entre diferentes trabalhos, vender cosméticos, vender comida, trabalhar com pintura, com construção, com entrega, como babá, como doméstica, tudo na condição de informal – ou seja, sem registro formal – não foi sempre a realidade das classes populares no Brasil?

Atualmente, são quase 40 milhões de brasileiros e brasileiras vivendo nessa situação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em 2022. Para se ter uma noção, o número supera a população total de um país como a Polônia ou o Canadá.



CRÉDITO: CENA DO DOCUMENTÁRIO "DOMÉSTICA", DE GABRIEL MASCARO

Por isso, importar determinados termos como gig economy de outras partes do mundo, como a Europa, pode mais nos atrapalhar do que ajudar a enxergar o que de fato está acontecendo no mundo do trabalho. Isso não quer dizer que não estejam acontecendo mudanças importantes em relação às nossas condições de trabalho. Estão, mas é possível que elas representem menos uma ruptura com o nosso passado e mais um aprofundamento de realidades complexas que vivemos há muito tempo.

Para falar dessas mudanças, dois termos têm sido utilizados: **plataformização** e **uberização**. O conceito de plataformização descreve uma dependência cada vez maior das infraestruturas digitais, as plataformas, para conseguir trabalho. A uberização, por sua vez, se refere a um processo que vai além das plataformas. É uma tendência global de informalização do trabalho.

Uma pesquisadora e dois pesquisadores importantes do tema (Ludmila Abílio, Henrique Amorim e Rafael Grohmann) escreveram um texto no qual explicam a uberização como um novo tipo de gestão e controle do trabalho que consolida o trabalho sob demanda, aquele que você só recebe pelo tempo de execução de uma tarefa.

Então, mais do que uma novidade, talvez a gig economy seja uma realidade de países como o Brasil, a Indonésia, as Filipinas e outras nações do Sul Global, que agora está sendo aprofundada e generalizada para outros contextos.

**FONTE:** Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. Por Ludmila Abílio, Henrique Amorim e Rafael Grohmann.  
Leia [AQUI](#).

**PARA SABER MAIS:** Uberização do trabalho: subsunção real da viração. Por Ludmila Abílio.  
Leia [AQUI](#).

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Inteligência artificial (IA) é uma das expressões mais utilizadas para se debater o futuro do trabalho e seus impactos nos dias atuais. Mas você já parou para pensar que essa “inteligência” pode não ser tão artificial assim? E que pode nem ser uma “inteligência”, já que se trata de uma máquina automatizada que “aprende” com os dados com os quais é alimentada?

É o que argumentaram Kate Crawford, da Universidade de Nova York (NYU), e Vladan Joler, da Universidade Novi Sad, na Sérvia, quando produziram o documento “**Anatomia de um sistema de inteligência artificial**”. Os dois se esforçam em mostrar o trabalho humano, físico e concreto, necessário para o estabelecimento desses sistemas automatizados.

De onde vem o lítio para produzir baterias de celulares? Como é a extração dos minérios usados na fabricação?

**Em quais indústrias e em que condições se produzem smartphones, computadores, “Alexas” e servidores para hospedar milhões de bytes? E, especialmente, quem produz as informações que alimentam esses equipamentos automatizados?**

Para além disso, como pode um equipamento ser “inteligente”, se é baseado em algoritmos, operações, modelos e informações produzidos antes por seres humanos que o estruturam para fins específicos, sem subjetividades ou consciência, tão próprias dos humanos?

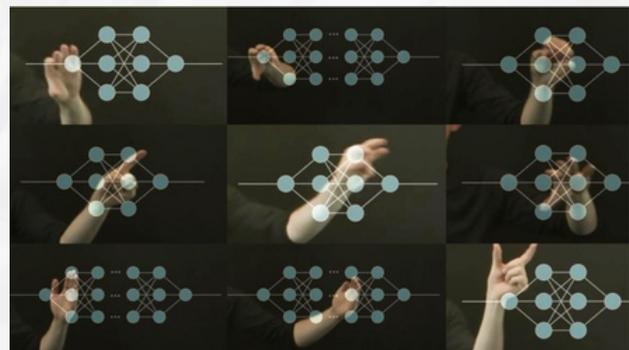
Com apenas alguns questionamentos, é possível perceber por que não estamos falando de uma “inteligência”, característica muito particular dos seres humanos e de alguns animais, e nem de algo artificial, porque ela não existe sem um enorme trabalho físico – mas invisível – de milhares de pessoas em diferentes regiões do planeta, especialmente em países do chamado Sul Global.

Sandro Mezzadra e Brett Neilson argumentam que para a IA existir é preciso literalmente cavar a Terra, monetizar práticas humanas e capturar dados em escala quase global, configurando um sistema predatório e extrativista.

Chamar de inteligência artificial é, portanto, uma forma de mascarar custos econômicos,

sociais e ambientais decorrentes da extração dos recursos físicos para sua existência e invisibilizar o trabalho humano, imprescindível no processo.

Mais do que soluções para os problemas atuais, podemos considerar que essas estruturas são também elas próprias motivos de problemas ambientais, econômicos e sociais, mas seus custos logísticos estão escondidos atrás de discursos e termos supostamente neutros, como a nomenclatura inteligência artificial indica.



EXPLAINABLE AI. CRÉDITO: ALEXA STEINBRÜCK/ BETTER IMAGES OF AI

**FONTE:** Anatomia de um sistema de inteligência artificial. Por Kate Crawford e Vladan Joler.

Leia [AQUI](#).

**PARA SABER MAIS:** ‘On the Multiple Frontiers of Extraction: Excavating Contemporary Capitalism (em inglês). Por Sandro Mezzadra e Brett Neilson.

Leia [AQUI](#).

# NUVEM

Quando falamos em “nuvem”, parece que estamos tratando de um lugar mágico onde as informações que geramos ao utilizar a internet ficam armazenadas.

Nem aérea, nem mágica, a Computação em Nuvem (cloud computing) é uma infraestrutura que nos permite acessar uma gama de plataformas, aplicações, arquivos e serviços disponíveis, via internet, em várias localizações, a todo momento e em qualquer dispositivo. Assim, muitas dessas coisas não precisam mais ser instaladas/armazenadas no computador de cada pessoa.

Com a flexibilidade proporcionada pela computação em “nuvem”, muitas empresas passaram a operar e a se expandir a custos mais baixos, sem os encargos de uma estrutura de Tecnologia de Informação (TI) interna robusta.

**Apesar de sua aura mágica, a “nuvem” se apoia em uma estrutura física e no trabalho humano. O seu funcionamento está baseado em hardwares, softwares, interfaces, redes de telecomunicação e centros de armazenamento de dados (data centers).**

Data centers são estruturas que consomem uma quantidade enorme de energia, emitem gases poluentes e geram uma série de outros prejuízos ambientais. Em todas as etapas, a “nuvem” envolve o emprego de trabalhadores e trabalhadoras no desenvolvimento, processamento, manutenção da infraestrutura, integração de serviços e armazenamento e gerenciamento de dados.

Apesar disso, os arranjos em nuvem permitiram impulsionar novas formas de trabalho, novos modelos organizacionais e de negócios, possibilitando a rápida expansão do capital, com escalabilidade, mas sem benefícios tangíveis para os trabalhadores e as trabalhadoras em geral.

Os dados armazenados na “nuvem” compõem o chamado big data e são ativos monetizados de forma desigual, sem que a sociedade tenha conhecimento disso ou os trabalhadores e as trabalhadoras recebam um adequado retorno financeiro por suas atividades.

“Nuvem”, portanto, é uma expressão metafórica e ideológica para uma infraestrutura, uma expressão que esconde os problemas ambientais, sociais e políticos que envolvem a ascensão do processo que chamamos de “dataficação” da vida.



CRÉDITO: KIRILL SH/ UNSPLASH

**FONTE:** Platform capitalism and cloud infrastructure: theorizing a hyper-scalable computing regime (em inglês). Por Devika Narayan. Leia [AQUI](#).

**PARA SABER MAIS:** Cuando la nube no es simplemente una metáfora. Por Susana Morales e Graciela Natansohn. Leia [AQUI](#).

Cartografias da internet. Por Coding Rights. Leia [AQUI](#).

# PLATAFORMA

Se você procurar o significado dessa palavra no dicionário, as primeiras explicações não tratarão do que vamos falar aqui. Em geral, elas vão detalhar uma superfície elevada, um palco, um local onde se espera um trem. Ou mesmo um local de extração de petróleo. Também vão mencionar a ideia de “plataforma política”, como a defesa de um ideal por determinadas figuras políticas. Só então vamos chegar à plataforma como um sistema e uma tecnologia.

As plataformas são, na definição de Thomas Poell, David Nieborg e José Van Dijck, “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”.

Para o pesquisador Tarleton Gillespie, a ideia de plataforma remete a uma estrutura plana e aberta, que garante possibilidades de agir.

E assim acende-se um alerta, já que tratar as plataformas como algo neutro, como sugerem algumas explicações, não contribui com a compreensão desse conceito que está mudando e mediando a sociedade atual.

Isso porque a dimensão cultural e mental dos nomes e termos reforça as práticas da nossa sociedade, o que pode agravar disputas de poder e desigualdades, além de mascarar os objetivos que podem estar por trás dessas lutas.

Milhares de trabalhadores e trabalhadoras vivem hoje de renda oriunda de plataformas como Ifood, Uber e Amazon Mechanical Turk, com uma lógica desigual de comunicação e decisões elaboradas em uma estrutura rígida e vertical, distante da imagem

da plataforma como algo plano, de onde falamos de igual para igual.

Segundo a literatura especializada, o trabalho por plataformas também configura um “trabalho vigiado” no qual a “chefia é o aplicativo/plataforma” e é difícil contestar decisões, já que as regras não são claras e não há gerência humana a quem se possa recorrer.

Outras dificuldades, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), são comprovar o tempo dedicado, a falta de confiança na estrutura, a obscuridade das regras ou o próprio medo de ser “cancelado”.

As plataformas produzem, no entanto, com seu discurso de neutralidade, a ideia de que estão apenas mediando clientes que buscam serviços e trabalhadores e trabalhadoras que querem entregá-lo. Mas não é tão simples assim.

Por isso, é preciso combater esse suposto imaginário de neutralidade e inevitabilidade, e entender que o nome plataforma esconde uma série de processos e relações que merecem visibilidade e discussão pública.



CRÉDITO: OUTRAS PALAVRAS

**FONTES:** A relevância dos algoritmos. Por Tarleton Gillespie. Disponível [AQUI](#).  
Plataformização. Por Thomas Poell, David Nieborg e José Van Dijck, disponível [AQUI](#)  
**PARA SABER MAIS:** A gigante (e invisível) uberização do Cuidado. Por Maria Júlia Tavares Pereira e Ana Claudia Moreira Cardoso. Leia [AQUI](#).

# TRABALHO DIGITAL

O trabalho é sempre humano. Por isso, o pesquisador Rafael Grohmann explica que o chamado “trabalho digital” é menos um conceito e mais uma área de estudos em ascensão.

Tradução direta de “digital labour”, o trabalho digital tem muitas facetas. De forma geral, trata de pessoas que ganham a vida trabalhando para plataformas digitais.

É importante não confundir aqui o termo com profissionais que trabalham em home office para empresas do Brasil ou do exterior. Nem estamos falando de alguém que usa o Instagram para vender doces ou de uma pessoa da área do direito ou da engenharia que usa essa rede para promover sua atividade profissional.

É fundamental ter clareza que a digitalização do trabalho no mundo atual vai além das plataformas digitais, mas aqui falaremos especificamente delas.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define que há dois tipos de plataformas de trabalho digital. Primeiro, aquelas em que os trabalhadores e as trabalhadoras executam tarefas on-line (online web-based), como programação, design e trabalhos para inteligências artificiais. Em segundo lugar, aquelas baseadas na localização (location-based), como trabalhos de entrega, serviços domésticos e de cuidados.

Segundo essa instituição global, havia 142 plataformas desses tipos em 2010 e, em 2020, o número saltou para 777. Esse mercado gerou cerca de US\$ 52 bilhões em 2019.

O trabalho digital coloca desafios complexos para os próximos anos. Um dos principais é a regulamentação, já que as plataformas

digitais têm sede em um país – geralmente EUA ou da Europa – e operam em vários outros, principalmente em nações em desenvolvimento, aproveitando-se da informalidade dessas economias e das condições já precarizadas de trabalho que as caracterizam, como no caso de Brasil, Indonésia e Quênia, por exemplo.

Há, portanto, uma geopolítica do trabalho por plataformas, na qual países ricos extraem riqueza dos países menos desenvolvidos. Essa situação já foi até qualificada como novo tipo de extrativismo e de colonização – do trabalho e dos dados por ele gerados, conforme dizem Nick Couldry e Ulisses Mejias no livro **“Os custos da conexão: como os dados estão colonizando a vida humana e se apropriando dela para o capitalismo”**.

O trabalho digital, portanto, pode agravar as nuances e contradições de uma economia globalizada onde os países ricos têm mais capacidade de se desenvolverem e o fazem às custas dos mais pobres, perpetuando desigualdades históricas.



CLICKWORKER 3D-PRINTED. CRÉDITO: MAX GRUBER/ BETTER IMAGES OF AI

**FONTE:** Trabalho Digital: o papel organizador da comunicação. Por Rafael Grohmann. Leia [AQUI](#).  
**PARA SABER MAIS:** Infográfico da OIT (em inglês).  
Leia [AQUI](#).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tentar desconstruir e questionar alguns conceitos que vêm sendo repetidos à exaustão nos tempos atuais, buscamos lançar luz sobre controvérsias e contribuir para compreensões mais críticas de fenômenos que têm mediado e moldado a sociedade atual.

Acreditamos que esse é um ponto de partida para entender melhor, com termos mais apropriados, o que está acontecendo com nossa sociedade. Com o trabalho, com o nosso futuro, com a forma como usamos as tecnologias, com as relações sociais e com o mundo.

Por isso, entendemos que usar termos que estão cada vez mais impregnados no imaginário – como inteligência artificial, plataformas ou economia de compartilhamento – não ajuda a compreender o que está em jogo. E, menos ainda, a fazer algo para mudar essa realidade.

Como afirmou o escritor israelense Yuval Harari, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, em artigo na *The Economist* em 2023, as tecnologias decorrentes da inteligência artificial têm potencial de hackear o sistema operacional da civilização humana, especialmente devido às suas capacidades e habilidades com a linguagem.

Por isso, pretendemos com esse material "hackear de volta" a linguagem sequestrada não pela inteligência artificial, mas por quem cria, opera e detém a propriedade dessas empresas e dessas tecnologias que estão moldando nossa existência, com termos mais ajustados à realidade do que elas realmente são. E mostrando mais consequências do que seus supostos nomes sugerem.

Ainda há muito a ser dito e discutido para que mais pessoas estejam cientes dessas transformações e possam se engajar e realizar as mudanças necessárias a fim de que os trabalhadores e as trabalhadoras tenham empregos dignos e melhores condições de vida. Mas com expressões mais adequadas ficará mais fácil chegar lá.

# **ANTIGLOSSÁRIO**

## **DA INTELIGÊNCIA "ARTIFICIAL" E DO TRABALHO POR PLATAFORMAS**

CRISTINA MAIELLO  
FABIANA DE OLIVEIRA BENEDITO  
PAULO EDUARDO PALMA BERALDO



